

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto



GUIA DO ESTUDANTE
Sociologia
1º ano

EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1994/95

FACULDADE DE LETRAS

Universidade do Porto



GUIA DO ESTUDANTE

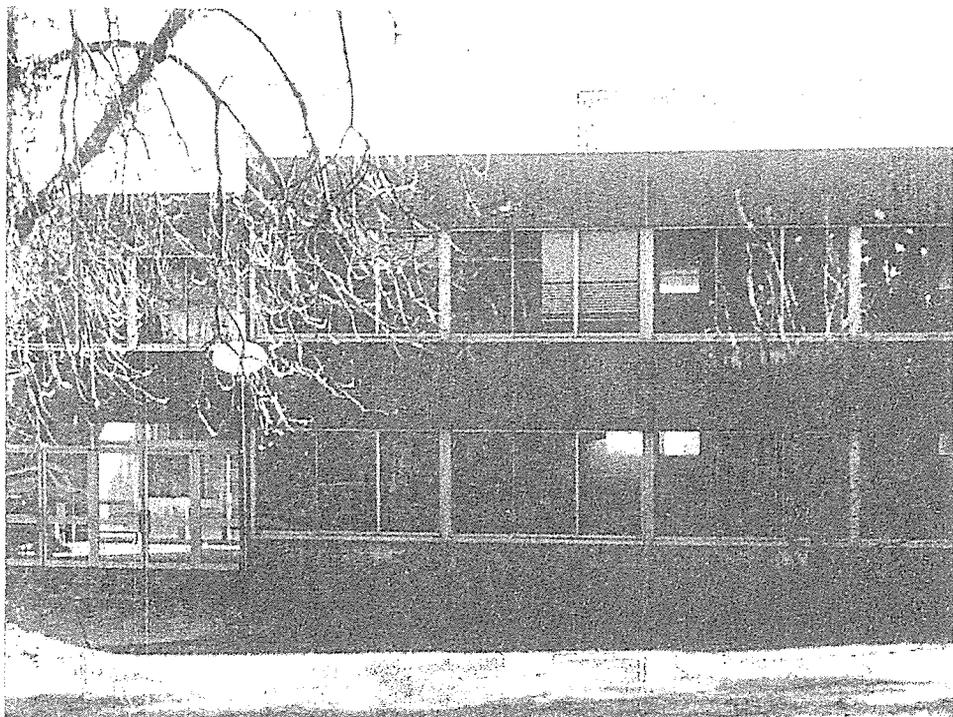
XV

EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

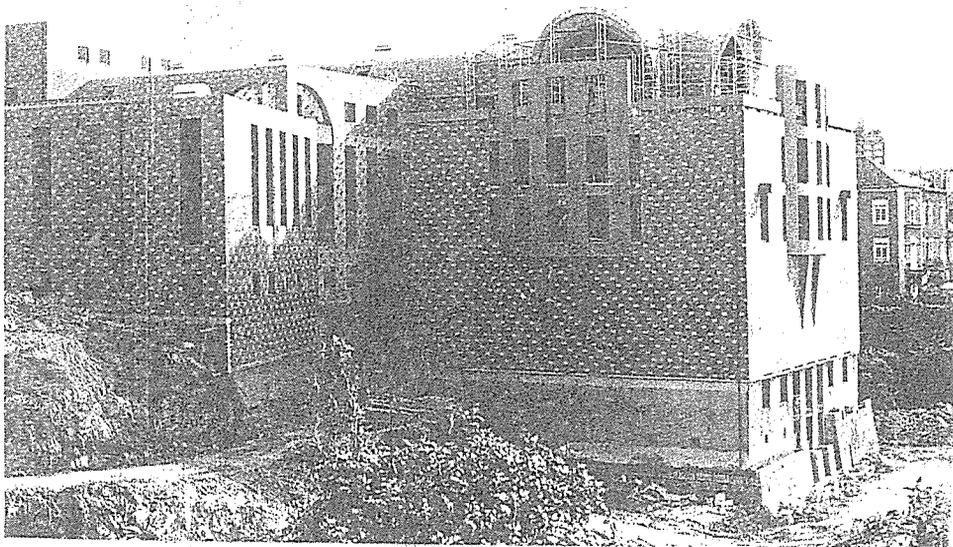
1994/95

Guia do Estudante da FLUP.SOC: 1º Ano
Vol.15, 1994-95
Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: **100** exemplares

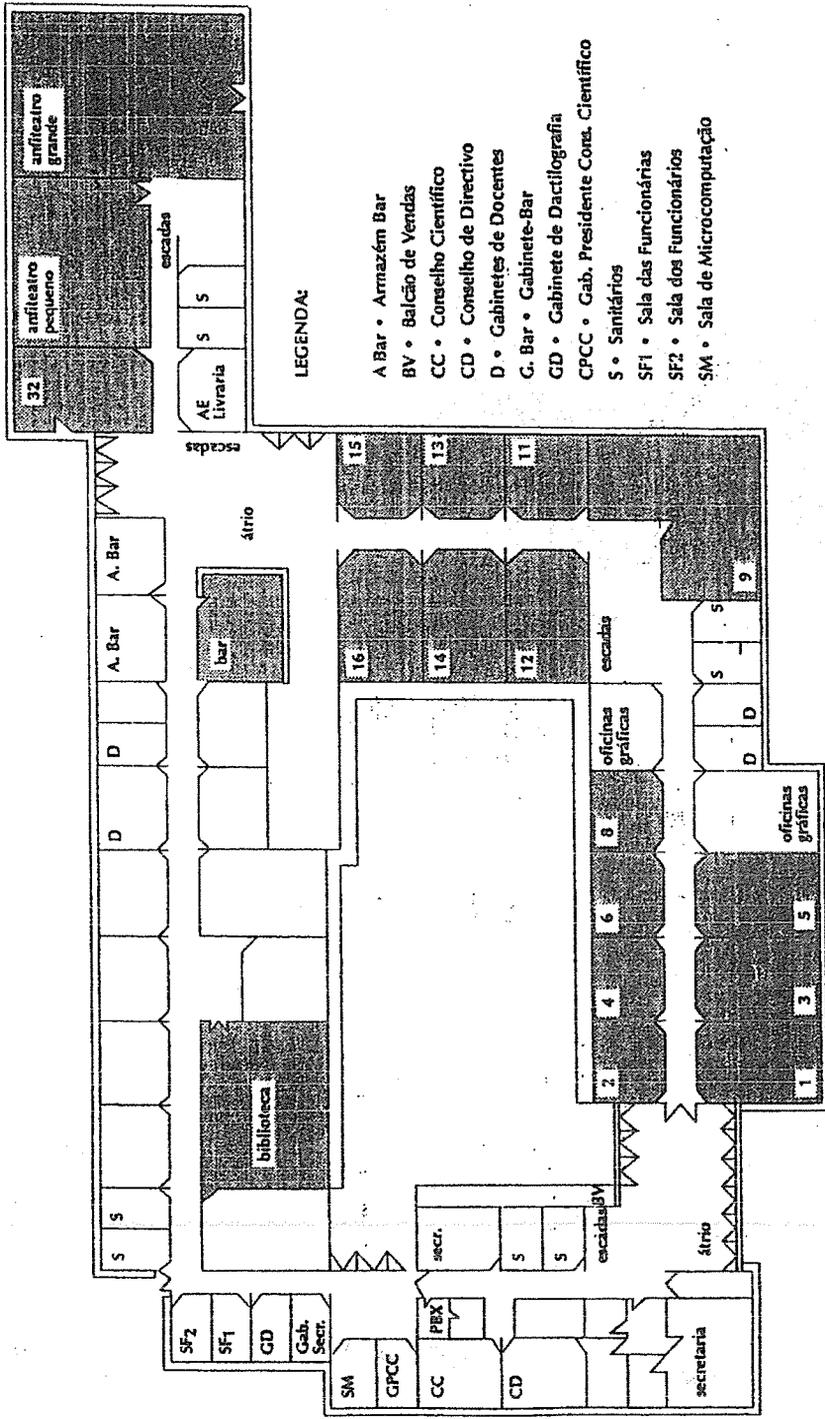


FLUP — Actuais instalações



FLUP — Próximas instalações

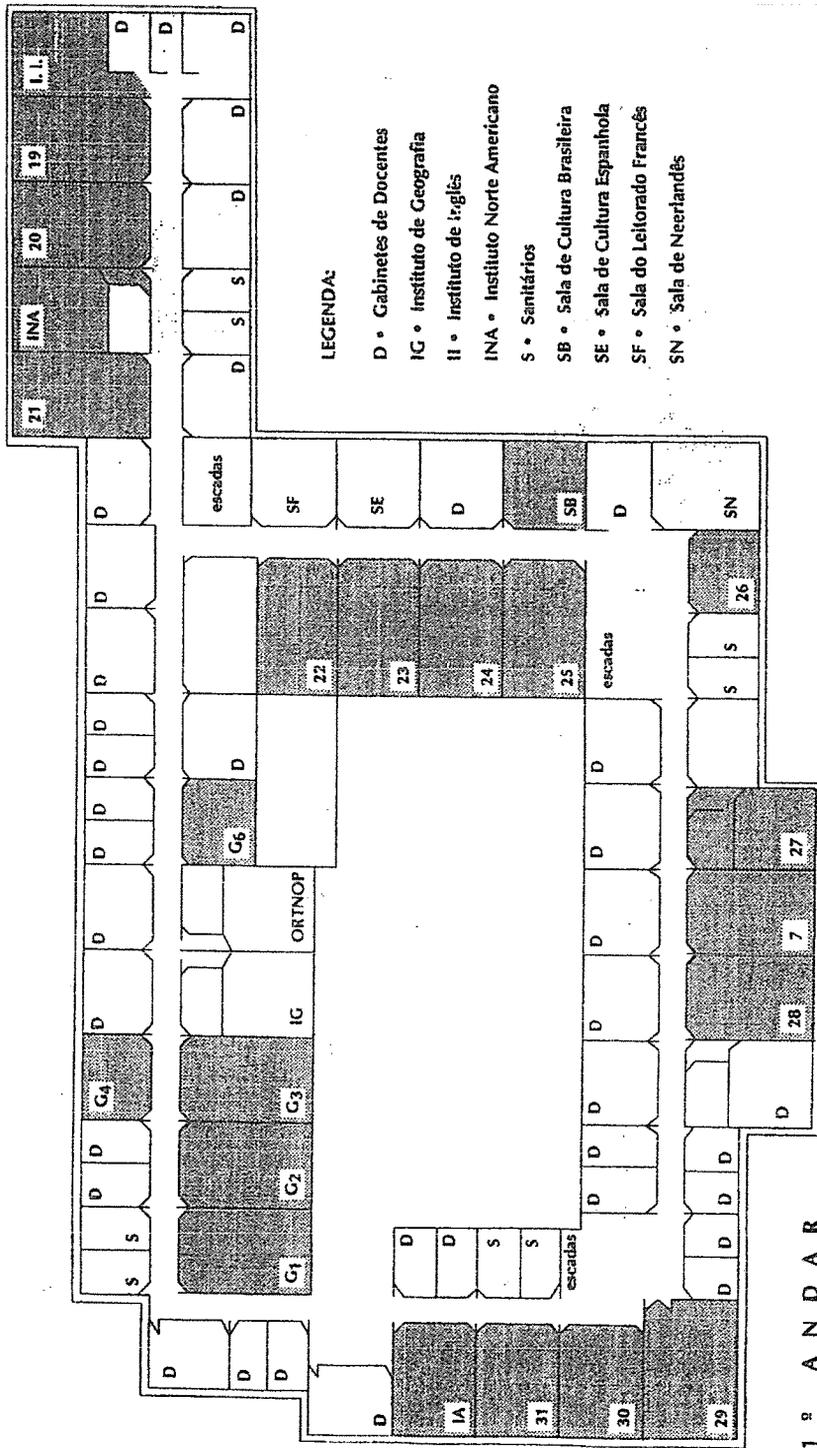
EDIFÍCIO PRINCIPAL DA FACULDADE DE LETRAS • PORTO



LEGENDA:

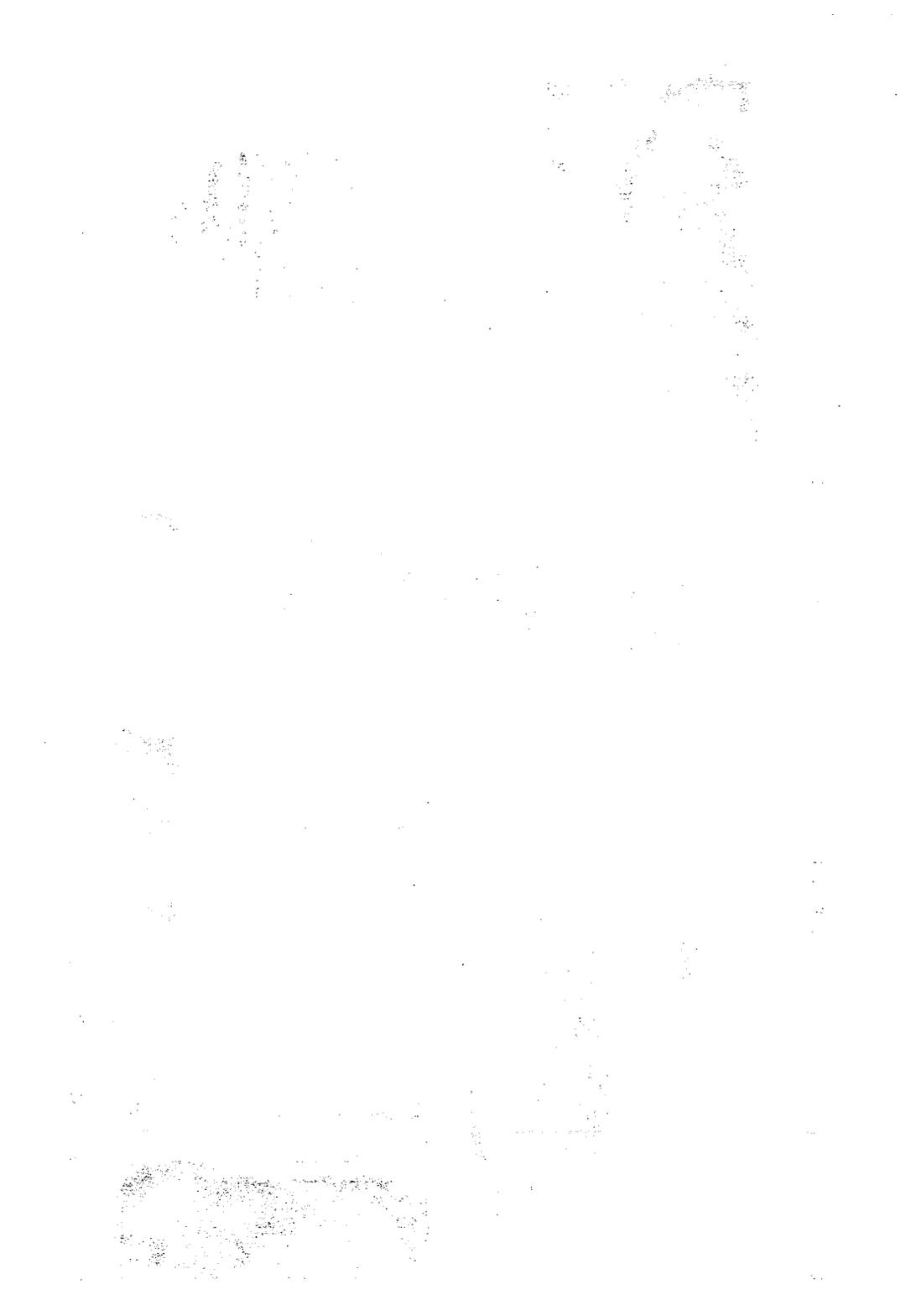
- A Bar • Armazém Bar
- BV • Balcão de Vendas
- CC • Conselho Científico
- CD • Conselho de Directivo
- D • Gabinetes de Docentes
- G. Bar • Gabinete-Bar
- GD • Gabinete de Dactilografia
- GPCC • Gab. Presidente Cons. Científico
- S • Sanitários
- SF1 • Sala das Funcionárias
- SF2 • Sala dos Funcionários
- SM • Sala de Microcomputação

EDIFÍCIO PRINCIPAL DA FACULDADE DE LETRAS • PORTO



LEGENDA:

- D • Cabines de Docentes
- IG • Instituto de Geografia
- II • Instituto de Inglês
- INA • Instituto Norte Americano
- S • Sanitários
- SB • Sala de Cultura Brasileira
- SE • Sala de Cultura Espanhola
- SF • Sala do Leitorado Francés
- SN • Sala de Neerlandés



INTRODUÇÃO

GUIA DO ESTUDANTE

INTRODUÇÃO

O estudante que, pela primeira vez, frequenta algum dos cursos ministrados na FLUP carece de um conjunto mínimo de informações que o situe na Escola e na realidade nova que para ele certamente significa a entrada na Universidade. Mas também os outros, aqueles que conhecem há um ou mais anos os corredores e as salas de aula desta Casa, necessitam de indicações actualizadas sobre programas, bibliografia, temas, normas de avaliação, calendário, etc.

Por isso, continuando uma tradição que remonta a 1980/81, o Conselho Directivo coloca à disposição dos alunos o Guia do Estudante que vai já na sua 15ª edição.

O passado tem mostrado a enorme utilidade desta publicação. Oxalá a presente edição continue a prestar os relevantes serviços de sempre e que, para além disso, possa constituir um sinal da vitalidade e do imenso labor desenvolvido nesta Faculdade.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1994

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

SERVIÇOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:
de 2ª a 6ª feira: 14H00 - 16H30
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Horário de atendimento:
de 2ª a 6ª feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30
Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os utilizadores devem possuir o cartão de leitor, o qual deverá ser revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- c) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)
- e) Bases de dados locais.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), e nas bases de dados locais, pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura: (Excepto nos períodos de férias)

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00

4. Leitura de presença

4.1. Obras em depósito.

4.1.1. Para a leitura de presença, o leitor só pode requisitar 3 obras de cada vez.

4.2. Obras em livre acesso (Sala de leitura e de Referência)

4.2.1. A estas obras poderá o leitor aceder directamente, ficando estabelecido que não deverá voltar a colocá-las nas estantes, mas num local designado para esse efeito.

5. Leitura domiciliária

5.1. Podem ser requisitadas 3 obras diferentes simultaneamente.

5.2. O empréstimo de obras para leitura domiciliária processa-se entre as 14h e as 18h e a sua devolução deverá ocorrer impreterivelmente 48 horas depois de terem sido requisitadas.

5.3. As requisições das mesmas obras podem ser renovadas, quando não haja prejuízo para outros leitores.

6. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

7. Estão disponíveis para pesquisa em CD-ROM diversas bases de dados cuja utilização obedece a um regulamento afixado na Biblioteca.

8. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

- 1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.
- 2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.
- 3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.
- 4- Biblioteconomia. Documentação. Arquivística, 1991.
- 5- Literatura Medieval. Cultura Medieval. 1992.
- 6- Sociologia, 1992

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Dissertações Académicas, Porto, 1992

Núcleo Documental da Sala Brasileira, Porto, 1992

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação:

Instituto de Estudos Ingleses

" de Estudos Norte Americanos

" de Estudos Germanísticos

" de Geografia

" de Cultura Portuguesa

" de Arqueologia

" de Documentação Histórica Medieval

" de Filosofia e História da Filosofia

" de História de Arte

" de Língua Portuguesa

" de Literatura Comparada

" de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa

" de Sociologia

" de Ciências da Educação

" de Estudos Franceses

Sala Brasileira

" Espanhola

" Neerlandesa

" de História Moderna

" de História Medieval

Centro de História

" de Linguística

" de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

D - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00

Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:

2ª a 6ª feira - 7H30 - 23H00

Sábados- 7H30 - 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

História (Variante Arte) .

História (Variante Arqueologia)

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º, 4º e 5º anos).

b) Tradução

C - Cursos de pós-graduação:

a) Mestrados:

História Medieval

História Moderna

História Contemporânea

História da Arte

Arqueologia

História da Cultura Portuguesa (Época Moderna)

Filosofia do Conhecimento

Filosofia Medieval

Filosofia da Educação

Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas

Estudos Anglo-Americanos
Linguística Portuguesa Descritiva
Geografia
Sociologia

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

c) Curso de Pós-Graduação em Museologia.

D - Curso de Português para Estrangeiros.

E - Cursos de Formação Contínua de Professores.

F - Actividades de extensão cultural - O Ciclo de Conferências promovidas pelo Conselho Directivo no ano lectivo anterior, terá continuidade no presente ano lectivo. Foi já publicado o texto da 1ª Conferência, proferida em 31 de Março de 1993: SOVERAL, Eduardo Abranches de, Meditação Heideggeriana, Conferências da FLUP, Ed. do Conselho Directivo, 1993

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório (Port. 850/87):

1º ano:

a) os alunos que concluem a licenciatura (plano de estudos antigo) têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

b) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa e Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro e de Dezembro só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

2. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios, encontra-se publicado na Port. 659/88, de 29 de Setembro.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

III - Informa-se que a Unidade de Apoio aos Alunos Deficientes (UAAD), da Pró-Reitoria da Universidade (Acção Social Universitária e Assistência Médica), presta apoio psico-social e médico-pedagógico aos estudantes invisuais. Neste âmbito a UAAD promove também a passagem de textos de apoio em Braille, com a colaboração da Associação de Cegos do Norte de Portugal.

No que concerne a aquisição do material específico, por parte destes alunos, dispõem os mesmos de cassetes, a preço mais acessível, no Centro de Documentação e de material didáctico dos Serviços Sociais da Universidade do Porto (SSUP).

Mais se informa que a Pró-Reitoria aguarda uma resposta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre uma proposta de colaboração para a gravação de textos de estudantes invisuais da Universidade do Porto.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):
- Os alunos interessados nestes cursos poderão optar pelo curso de tradução em Inglês-Português, de Francês-Português ou de Alemão-Português.
 - Serão candidatos à admissão nestes cursos, os alunos inscritos no 2º ano, que reunam as condições de transição para o 3º ano do respectivo curso.
 - Os candidatos serão seleccionados de acordo com as médias obtidas nos dois primeiros anos do curso.

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

- No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.
- Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP só podem ser considerados depois de terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram.
- Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

- Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.
- Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 4/Julho/94)

No desempenho das funções que lhe competem segundo os Estatutos da Universidade do Porto e os Estatutos da Faculdade de Letras e de acordo com a legislação em vigor, o Conselho Pedagógico aprovou as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1994-1995.

Estas normas pretendem corresponder a uma renovação das nonnas até agora vigentes.

Embora a muitos pareça necessária uma remodelação profunda destas normas, o Conselho Pedagógico optou por uma reformulação que mantivesse a estrutura global do método de avaliação, uma vez que o projecto de reestruturação dos cursos ainda não entrou em funcionamento. Todavia, pareceu-nos urgente simplificar e clarificar as normas de avaliação, já que elas, com os sucessivos ajustamentos que têm sofrido, se têm revelado demasiado complexas, com uma formulação confusa, repetitiva e, por vezes, contraditória.

A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 1º - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:
 - a. Avaliação contínua.
 - b. Avaliação periódica.
 - c. Avaliação final.
2. Nos termos do artigo 18º é permitida a combinação, numa mesma cadeira, da modalidade de avaliação contínua com uma das outras modalidades de avaliação, prevalecendo, dentro de cada uma dessas formas de avaliação, as normas respectivas.
3. Poderão existir, em alternativa ou em combinação com outras modalidades, trabalhos de investigação ou de campo obrigatórios, definidos nos termos dos artigos 2º, 16º, 17º e 18º.

Artº 2º - Definição inicial da avaliação e sua apresentação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, o docente deve comunicar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos seus diferentes aspectos, explicitando:

- a) objectivos pedagógico-didácticos;
- b) modalidades de avaliação, com referência à existência ou não de avaliação contínua e à forma como, dentro dos limites impostos nestas normas, esta poderá ser combinada com outras modalidades;
- c) existência ou não de trabalhos de investigação obrigatórios e/ou facultativos;
- d) os índices e critérios de ponderação de cada uma das componentes de avaliação (testes, trabalhos de investigação, trabalhos de campo, participação nas aulas teóricas e práticas).
- e) o número e o tipo de testes mínimo para as disciplinas em modalidade de avaliação contínua.

2. O estipulado no ponto 1. deve obrigatoriamente ser registado pelo docente no livro de sumários, até ao fim do primeiro mês de aulas.

3. O plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos;
- b) número de docentes;
- c) natureza da disciplina e conteúdos a leccionar.

4. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 3 - Tipos de provas

1. A modalidade de avaliação contínua terá um número de provas mínimo a definir pelo docente no início do ano lectivo e em correlação directa com as matérias a leccionar. Estas devem ser distribuídas regularmente, consistindo na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos ou orais, etc.

2. Uma das provas tem que ser obrigatoriamente um teste escrito.
3. Os alunos devem ser informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação nas aulas, e sobre os critérios de ponderação adoptados.
4. As classificações de avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas ao aluno e publicadas até uma semana antes do prazo limite de desistência de avaliação contínua.

Artº 4 - Funcionamento das aulas

1. A avaliação contínua pode ser realizada apenas em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos.
2. O quantitativo referido no ponto anterior poderá, eventualmente, ser alterado, após autorização do Conselho Pedagógico, e mediante justificação do docente.
3. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

Artº 5 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno, no mínimo, em 75 % das aulas.
2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

Artº 6 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.
2. Os alunos podem desistir da avaliação contínua, até quinze dias antes da realização do primeiro teste de avaliação periódica. Os alunos que desistirem da avaliação contínua só poderão submeter-se à avaliação final.
3. A desistência efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada e entregue pessoalmente ao docente.

Artº 7 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo, no entanto, direito a realizar exame final na época de recurso e nas condições fixadas pelo artigo 13º.

C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 8 - Tipos de provas

1. O número mínimo de provas a realizar é de duas, sendo uma obrigatoriamente um teste efectuado na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho elaborado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno, nos termos do artigo 2º.

2. Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo para além das duas provas de avaliação periódica, os referidos trabalhos deverão obrigatoriamente regular-se pelo disposto no artigo 18º.

3. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até 8 dias antes da sua realização.

Artº 9 - Repescagem

1. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final tem de ser positiva e em nenhuma das provas a nota pode ser igual ou inferior a sete valores.

2. Os alunos que não estejam na situação referida no ponto 1, ou que tenham faltado a uma das provas, têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realização simultaneamente com o exame final da época normal.

3. A nota de uma das provas de avaliação periódica tem de ser igual ou superior a 9,5 para o aluno poder realizar a prova de repescagem.

Artº 10 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Os alunos que não compareçam a uma das provas, mas queiram optar ou manter-se nesta modalidade de avaliação, devem entregar ao responsável da cadeira uma declaração datada e assinada, até cinco dias úteis após o reinício das aulas, para o caso da primeira prova. Para a segunda prova, o prazo é de cinco dias após a realização da mesma.

3. Presume-se que um aluno que não cumpra com o disposto no ponto 2 optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que compareça a duas provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal, excepto nos casos contemplados no ponto 7 do artigo 13º.

Artº 11 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação média negativa em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei gera e conforme os artigos 13º e 15º das actuais normas.

Artº 12 - Tipos de provas em línguas vivas

1. Sem prejuízo do exposto nos artigos 8º, 9º e 10", a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais.

2. As provas escritas são, no mínimo duas e precedem a prova oral, obrigando a uma média mínima de nove valores, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 2 dias úteis após a afixação dos resultados das provas escritas, segundo o estipulado no artº 20º.

4. A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas e segundo o estipulado no artigo 15º destas normas.

5. Em línguas vivas a prova oral funciona sempre como uma prova autónoma, obrigatória, com a finalidade de avaliar a capacidade de expressão oral do aluno, nunca podendo ser entendida como prova de repescagem das provas escritas.

6. Para que os alunos se considerem aprovados nenhuma das três provas realizadas pode ter uma classificação inferior a oito valores.

D. AVALIAÇÃO FINAL

Artº 13 - Tipo de provas

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requeleido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.

2. Nos exames finais, épocas de recurso e especial, há apenas uma chamada por cada disciplina.

3. Nas disciplinas com prova prática obrigatória no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno, nos termos do artigo 2º e do artigo 18º.

4. Os alunos podem realizar exames na época de Setembro a todas as disciplinas a cujas provas faltaram ou de que desistiram em regime de avaliação contínua ou periódica.

5. Para os alunos que realizem recurso de qualquer modalidade de avaliação em Setembro, existe um limite de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

6. Na época especial (Dezembro), os alunos podem fazer exame final a um máximo de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais, desde que estas sejam suficientes para a obtenção de grau ou diploma.

7. Os alunos do 4º ano dos diversos cursos, com excepção do de Sociologia, podem realizar recurso da classificação de avaliação periódica ou contínua na época normal, sem limite de número de disciplinas.

8. O recurso referido no ponto 7 não pode ser repetido na época de Setembro.

Artº 14 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação a qualquer disciplina, sem restrição numérica, mas uma só vez. Esta melhoria tem que ser realizada até à época de recurso (inclusivé) do ano lectivo seguinte.

2. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas respectivas têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que tem lugar o novo exame e de prestar provas com o docente (ou docentes) que ministra(m) os referidos programas.

3. Na melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

Artº 15 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas abertas ao público, perante um júri constituído por um número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

2. Cabe aos docentes determinar o momento da realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 2 dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita correspondente.

3. A nota mínima de admissão à prova oral é de 7,5 valores, excepto no caso das disciplinas de línguas vivas em que a nota mínima é de 9 valores.

4. Os alunos que obtenham na prova escrita nota igual ou superior a 10 valores ficam dispensados da prova oral (excepto no caso das línguas vivas) sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de 2 dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita.

5. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

6. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser estendido a qualquer outra disciplina, que não as línguas vivas, sob proposta do responsável pela disciplina, por decisão do Conselho Pedagógico e ouvido o Conselho Científico.

E. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO, SEMINÁRIOS E COMBINAÇÃO DE MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 16 - Definição de trabalho de investigação

1. Considera-se um trabalho de investigação aquele em que haja pesquisa bibliográfica, documental ou de campo, original e individualizada, cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos, previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da elaboração do trabalho; o docente deve acompanhar de perto essa elaboração.

3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual.

Artº 17 - Seminários

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos curricula das licenciaturas, nos termos da legislação em vigor.

2. Para efeitos de avaliação os alunos ficam obrigados a participar num número determinado de reuniões definido no início do seminário.

3. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação, sem prejuízo de outras provas a realizar.

4. Os trabalhos de investigação realizados no âmbito dos seminários obedecem normas estipuladas no artigo 16º.

5. Todas as decisões quanto às modalidades de avaliação, organização e funcionamento do seminário, deverão ficar registadas no livro de sumários, à semelhança do estipulado no artigo 2º.

6. Os seminários do Ramo Educacional, dada a sua especificidade, não podem ser repetidos para efeito de melhoria de nota.

Artº 18 - Combinação de modalidades de avaliação (Cursos de Geografia e de Sociologia)

1. Uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente aos conteúdos teóricos; avaliação contínua relativamente aos conteúdos práticos.

2. Para que os alunos se considerem aprovados é obrigatória uma nota mínima de 9,5 a cada uma das componentes.

3. No caso de avaliação inferior a 9,5 numa das componentes da disciplina, a classificação positiva da outra componente poderá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

4. A ponderação da parte prática e da parte teórica da disciplina deve ser claramente explicitada nos termos do artigo 2º, sendo responsabilidade do docente indicar o índice de ponderação efectivo de cada uma delas na média final da disciplina.

5. Nas disciplinas em que esse índice não tenha sido efectivamente fixado, vigora uma ponderação de 50% para cada uma das componentes, teórica e prática.

6. Os alunos que optem pela combinação de modalidades de avaliação ficam obrigados ao regime de presenças próprio da avaliação contínua apenas em relação às aulas práticas.

F - APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO

Artº 19 - Forma de apresentação das classificações

1. Todas as notas relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final, bem como esta última, têm de ser publicadas sob a forma de nota qualitativa (escala de 0 a 20) em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.

2. As classificações finais são apresentadas em números inteiros, sendo as décimas arredondadas à unidade, por defeito até ao meio valor, e por excesso a partir do meio valor.

Artº 20 - Prazos de afixação das classificações

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias úteis após a realização da mesma.

2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados, até 2 dias úteis antes da realização da prova de repescagem respectiva.

3. Os resultados dos exames devem ser afixados, até 2 dias úteis antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.

4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizam.

5. Os resultados dos exames da segunda época devem ser afixados até 2 dias úteis do início das inscrições no ano lectivo seguinte.

6. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

G - CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS

Artº 21 - Consulta das provas

1. Os alunos têm o direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificados, desde que na presença do docente.

2. Em caso de prestação de prova oral os alunos têm o direito de conhecer a classificação da prova escrita correspondente.

Artº 22 - Condições de prestação de provas e casos de fraude

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos acerca das condições de prestação da prova.

2. Em caso de fraude comprovável, o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.

3. Caso haja apenas suspeitas de fraude, deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas as partes envolvidas.

4. No caso de fraude grave comprovada, o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado Universitário.

Artº 23 - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas devem exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.

2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças, devidamente datada e rubricada pelo docente que recolher as assinaturas dos alunos.

H - CALENDÁRIO DE PROVAS

Artº 24 - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo é de 2 dias úteis depois de afixado o calendário das provas.

2. As reclamações devem ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico e entregues à Secretaria da Faculdade; o Presidente do Conselho Pedagógico poderá delegar num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

I - DISPOSIÇÕES FINAIS

O Conselho Pedagógico reserva-se o direito de tomar as providências que entender necessárias a fim de resolver eventuais irregularidades no processo de avaliação.

Calendário das provas em 1994-1995

Início das aulas: 6 de Outubro de 1994

Avaliação periódica

Primeiras provas: de 9 a 28 de Janeiro de 1995 (Reinício das aulas: 31 de Janeiro de 1995)

Segundas provas: de 22 de Maio a 9 de Junho de 1995

Fim de aulas: 20 de Maio de 1995

Exames finais

Época normal: de 12 de Junho a 1 de Julho de 1995

Época de recurso: de 12 a 30 de Setembro de 1995

PUBLICAÇÕES

Publicações Periódicas:

Revista da Faculdade de Letras - Séries de:
História, I série: 1971-1974; II série: 1984 ss.
Filosofia; I série: 1970-1973; II série: 1985 ss.
Filologia, I série, 1973.
Línguas e Literaturas, II série: 1984 ss.
Geografia, 1985 ss.
Sociologia, 1991 ss.

Anexos da série de Línguas e Literaturas:

I - Problemáticas em História Cultural, Porto, 1987

II - Bibliografia Cronológica da Espiritualidade em Portugal -1501-1700.
Porto, 1988

III - Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão, Porto, 1989

IV - Poesia de D. Manoel de Portugal. I - Prophana. Edição das suas Fontes, Porto, 1991

V - Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XII a XVIII) Porto, 1993

VI - Verbo e Estruturas Frásicas, Porto, 1994

VII - Historiografia Gramatical (1500-1920), Porto, 1994

Portugalia (Instituto de Arqueologia), nova série. 1980 ss.

Runa, Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984 ss.

Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Univ. do Porto), 1990 ss.

Revista de História (Centro de História da Univ. do Porto), 1978 ss.

Intercâmbio (Núcleo de Estudos Franceses da Univ. do Porto), 1990 ss.

Actas de Congressos:

O Porto na Época Moderna (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1979), «Revista de História», Porto, INIC/Centro de Historia UP, vol.II, 1979, vol.III, 1980

Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Novembro de

1983), «Portugalia», Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Arqueologia, nova série, IV-V, 1983-1984

Perspectivas e Leituras do Universo Kafkiano (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1983), Lisboa, Apáginastantas, 1984.

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986

II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval (Novembro de 1985), 3 vols., Porto, Centro de História UP/INIC, 1987, 1989

Problemáticas em História Cultural (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, «Línguas e Literaturas» - Anexo B), 1987

Victor Hugo e Portugal. No Centenário da sua Morte (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Actas do Colóquio, Porto, Ed. subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida e pela Fundação Calouste Gulbenkian, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveaux Déffis de la Modernisation (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française - Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988

Congresso Internacional «Bartolomeu Dias e a sua Época» 5 vols. Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989

Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão, Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1988), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, «Línguas e Literaturas - Anexo III», 1989

Eça e «Os Maias», Actas do 1.º Encontro Internacional de Queirosianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Colecção «Perspectivas Actuais», Porto, Edições ASA, 1990

II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia. L'Identité Régionale. L'Idée de Région dans l'Europe du Sud-Ouest (CENPA, Bordéus, Março de 1988), Paris, CNRS, 1991

A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1989), 2 vols., Porto, Universidade do Porto, 1992

Espiritualidade e Corte em Portugal nos Séculos XVI-XVIII (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de

de Letras do Porto, Maio de 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, «Línguas e Literaturas--Anexo V», 1993

1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, Outubro de 1993), Actas, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XXXIV - Fasc. 1-2, 3 vols., Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1993-1994

Antero de Quental e o Destino de uma Geração, Actas do Colóquio Internacional no Centenário da sua Morte (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1991), Colecção «Perspectivas Actuais / Educação», Porto, Edições ASA, 1994

Edições do Conselho Directivo:

Guia do Estudante, Porto, 1980/81 ss.

Faculdade de Letras, 1988-1989. Porto, 1989: 2ª ed., Porto, 1994

«Fundo Primitivo» da Biblioteca Central. 1919-1928 Porto, 1989

Dissertações Académicas, Porto, 1991

Colecção «Conferências da Faculdade de Letras do Porto»:

Eduardo Abranches de Soveral - Meditação Heideggeriana, Porto, 1993

José Adriano de Freitas Carvalho - A Herança do Sebastianismo (A publicar)

António Teixeira Fernandes - A Crise do Estado nas Sociedades Contemporâneas, Porto, 1993

Luís António de Oliveira Ramos - As Universidades em Tempo de Cooperação, Porto, 1994

Rosa Fernanda Moreira da Silva - Faculdade de Letras do Porto (1980-1994). Seu Enquadramento Nacional e Regional, Porto, 1994

Humberto Baquero Moreno - Os Mudéjares no Portugal Medieval (A publicar)

Publicações da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras do Porto (AEFLUP):

Humanidades, 1982

Ícone. Revista de Colaboração Artística, 1990

Letras Soltas. Jornal da AEFLUP, 1992

Íncubo, Jornal da AEFLUP, 1993

BIBLIOGRAFIA MAIS IMPORTANTE SOBRE A F.L.U.P.:

CRUZ, António - As Bodas de Prata da Restauração da Faculdade de Letras, «O Tripeiro», Série nova, Porto, IV, 11-12 Nov.-Dez., 1985, pp. 323-331

DIONÍSIO, Sant'Anna - A Quinta Amarela, «O Primeiro de Janeiro», Porto, 12.3.1958

DIONÍSIO, Sant'Anna - Nascença da Decantada Faculdade de Filosofia e Filologia do Porto, «O Primeiro de Janeiro», Porto, 1.12.1980

EIRAS, Adriano - Faculdade de Letras do Porto 1919-1931. Contribuição para a sua História, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989 (Em colaboração com a Faculdade de Letras do Porto)

HOMEM, Armando Luís Gomes de Carvalho - Os 25 Anos da Faculdade de Letras: Passado e Presente, «Revista da Faculdade de Letras - História», IV, Porto, 1987, pp. 293-307

HOMEM, Armando Luís Gomes de Carvalho - A História que nos fez e a História que se faz da Primeira à Segunda Fase da Faculdade de Letras do Porto, Congresso «O Porto na Época Contemporânea» (Ateneu Comercial do Porto, Outubro de 1989)

HURST, N.R. - O Ensino e o Estudo do Inglês na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (F.L.U.P.), «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», VII, Porto, 1990, pp. 237-245

HURST, N.R. - Some Implications of Innovation in the Arts Faculty of Porto University, «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», X, Porto, 1993, pp. 199-202

PINA, Luís de - Faculdade de Letras do Porto (Breve História), «Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto», I, Porto, 1966, pp. 59-172

RAMOS, Luís António de Oliveira - Notas sobre a Origem e Estabelecimento da Faculdade de Letras do Porto, «Boletim Cultural», Porto, Câmara Municipal do Porto, 1983, pp. 245-260 (Reeditado in Sob o Signo das Luzes, Lisboa, IN/CM, 1988, «Leonardo Coimbra e a Criação da Faculdade de Letras do Porto», pp. 201 -221)

SÁ, Víctor de - Notas sobre o Ensino da História na 1ª Faculdade de Letras do Porto, «Revista da Faculdade de Letras - História», III, Porto, 1986, pp. 199-209

SILVA, Rosa Fernanda Moreira da - Faculdade de Letras do Porto (1980-1994). Seu Enquadramento Nacional e Regional, «Conferências da Faculdade de Letras do Porto - V», Porto, Edição do Conselho Directivo, 1994

TORRE, Manuel Gomes da - Dr. Luís Cardim. Dos Liceus para a Antiga Faculdade de Letras do Porto, «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e

Literaturas», IV, Porto, 1987, pp. 279-300

TORRE, Manuel Gomes da - Papel da Faculdade de Letras do Porto na Formação de Professores de Línguas Vivas Estrangeiras. «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», VI, Porto, 1989, pp. 135-150

PROGRAMAS

INTRODUÇÃO AS CIÊNCIAS SOCIAIS

Docente: Dr. João Miguel Teixeira Lopes

0. O Papel e o Lugar das Ciências Sociais no Mundo Contemporâneo e Breve História das Ciências Sociais em Portugal

1. A Construção da Ciência e a Especificidade do Social

1.1. A ruptura epistemológica

1.1.1. A distinção entre o senso comum e o conhecimento científico

1.1.2. A familiaridade da realidade social e os obstáculos epistemológicos

1.2. A construção científica

1.2.1. A distinção entre objecto real e objecto científico

1.2.2. O objecto científico como objecto teórico-conceptual e abstracto-formal

2. A Lógica da Investigação Empírica

2.1. Condições teóricas e sociais da produção científica

2.2. A função de comando da teoria no processo de investigação

2.3. Métodos e técnicas de investigação. A recolha de informação

2.4. Problemas específicos da observação e da medida. A Falsa neutralidade das técnicas

2.5. A explicação e a análise causal em ciências sociais

3. As Ciências Sociais na Encruzilhada da Modernidade e da Pós-Modernidade

3.1. Thomas Kuhn e a estrutura das revoluções científicas

3.2. As características do paradigma da ciência moderna

3.3. Os sinais da crise do paradigma da ciência moderna

- Processo dialéctico ou a emergência de um novo paradigma

3.4. Novas relações entre ciência e senso comum - reflexões sobre o carácter duplamente interpretativo das ciências sociais; as ciências sociais como ciências da cultura e o problema das representações sociais.

4. A Unidade Social e a Pluralidade das Ciências Sociais

4.1. A unidade social e o fenómeno social total

4.2. Formação e desenvolvimento histórico das ciências sociais

- 4.3. O universo das ciências sociais: propostas de classificação
- 4.4. Interdisciplinariedade nas ciências sociais

5. A Conflitualidade Interna das Ciências Sociais

- 5.1. A ciência como prática social.
- 5.2. A superação do conceito de ideologia como "falsa consciência"
- 5.3. A simbiose científico-ideológica nas ciências sociais.

6. O Funcionamento do Social

- 5.1 Formas de organização social
 - 5.1.1. A interação social e as manifestações de sociabilidade
 - 5.1.2. A organização social: função, estrutura e sistema
 - 5.1.3. O "falso dilema" entre micro e macro-sociologia
- 5.2. A acção e os comportamentos sociais
 - 5.2.1. Fundamentos normativos da acção social - o processo de socialização
 - 5.2.2. Fundamentos simbólicos
 - 5.2.3. Processos sociais do quotidiano
- 5.3. Formas e processos de mudança social
- 5.4. As instituições fundamentais da sociedade contemporânea
 - 5.4.1. As novas estruturas familiares
 - 5.4.2. A escola: da reprodução à mudança social
 - 5.4.3. Os mass media e a globalização da cultura

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, João Ferreira De e PINTO, José Madureira - A investigação das Ciências Sociais, Lisboa, Editora Presença, 1990 (4ª. edição).
- BACHELARD, Gaston - O Novo Espírito Científico, Lisboa, Edições 70, s/d.
- COSTA, António Firmino da - O que é a Sociologia, Lisboa, Difusão Cultural, 1992.
- GIDDENS, Anthony - Sociologia: Uma Breve, Porém Crítica Introdução, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1984.
- "- As Consequências da Modernidade, Oeiras, Celta Editora, 1992.
- "- Sociology, Cambridge, Polity Press, 1989.
- FERNANDES, António Teixeira - O Conhecimento Sociológico, Porto, Brasília Editora, 1983.
- "- "A Sociologia e a Modernidade" in Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1ª. Série, volume II, 1992

GURVITCH, Georges, Dialéctica e Sociologia, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1971.

NUNES, Adérito Sedas, Sobre o Problema do Conhecimento nas Ciências Sociais, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, s/d.

" , Questões Preliminares Sobre as Ciências Sociais, Lisboa, Editorial Presença, 1987 (9ª. edição)

PINTO, José Madureira - Propostas Para o Ensino das Ciências Sociais, Porto, Edições Afrontamento, 1994

ROCHER, Guy, Sociologia Geral, Lisboa Editorial Presença, 1971.

SANTOS, Boaventura de Sousa, Introdução a uma Ciência Pós-Moderna, Porto, Edições Afrontamento, 1989.

"- Um Discurso Sobre as Ciências, Porto, Edições Afrontamento, 1991 (5ª. edição).

SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira - Metodologia das Ciências Sociais, Porto, Edições Afrontamento, 1987 (2ª edição).

INTRODUÇÃO À ECONOMIA

Docente: Dr^a Isabel Coelho dos Santos

I. A Economia como ciência

1. O objecto da Economia. Algumas definições-tipo.
2. Economia normativa e economia positiva.
3. A conflitualidade interna da ciência económica.
4. A interdependência entre as questões económicas e não económicas.
5. Conceitos, métodos e problemas fundamentais.

II. Da Produção, Distribuição, Circulação e o Consumo.

1. O circuito económico: unidade das diversas esferas do económico.
2. A actividade económica sob o ponto de vista da Produção.
3. A Distribuição do Produto.
4. A Circulação do produto.
5. O Consumo.

III. Macroeconomia e Contabilidade Nacional.

1. Contabilidade Nacional.
2. Medição da actividade económica.
3. Produto: efectivo; potencial; nominal; real. Nível de Preços. Taxa de inflação.
4. Teoria da determinação do Rendimento. O rendimento de equilíbrio e o multiplicador. As variáveis orçamentais.

IV. Microeconomia: as perspectivas do produtor e do consumidor.

1. Teoria do Consumidor.
2. Teoria da Produção.
3. Teoria dos preços e do equilíbrio dos mercados.

V. Macroeconomia em economia aberta

1. A importância e as razões do Comércio Internacional.
2. A Balança de Pagamentos.

VI. Teoria e Política Económica

1. Objectivos.
2. Instrumentos.
3. Estratégias.

VII. Algumas problemáticas actuais dominantes

1. Inflação: conceito; causas; custos.
2. Emprego e Desemprego.
3. Integração. Concorrência. Internacionalização.

BIBLIOGRAFIA

BARRE, Raymond - Manual de Economia Política, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1971

DENIS, Henri - História do Pensamento Económico, Lisboa, Livros Horizonte, 1974 (2ª ed.)

DOWIDAR, M.H. - A Economia Política, uma Ciência Social, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1978

MOURA, Francisco Pereira de - Lições de Economia Portuguesa, Coimbra, Livraria Almedina, 1978 (4ª ed.)

ROSSETTI, Jose Paschoal - Introdução à Economia, S. Paulo, Atlas, 1982

FLOUZAT, Denise - Economia Contemporânea, Porto, Rés Editora, 1983
" - Analyse Économique: Microéconomie et Macroéconomie, Masson et Cie, 1975

SAMUELSON, Paul A. - Economia, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1970

LIPSEY, R. H. - Introdução à Economia Positiva, Lisboa, Editorial Aster, 1975

SALVATORE, Dominik - Microeconomia, S. Paulo, McGraw-Hill, 1984

SALVATORE, Dominick e Diuilio, Engene A. - Introdução à Economia, S. Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1981

MILLER, Roger Lerøy - Microeconomia: teoria, questões e aplicações, S. Paulo, McGraw-Hill, 1981

TEORIAS SOCIOLÓGICAS

Docente: Prof. Doutor José Madureira Pinto

Dr^a Cristina Parente

Dr^a Luísa Veloso

Dr^a Isabel Dias

1. Introdução.

1.1. A Sociologia como ciência e profissão.

1.2. A produção de conhecimentos científicos. Natureza e lugar da teoria na investigação científica e, em particular, na investigação sociológica.

1.3. Diversidade e conflitualidade entre perspectivas teóricas e orientações metodológicas na Sociologia.

2. As referências teóricas clássicas da Sociologia.

2.1. Émile Durkheim.

2.2. Karl Marx.

2.3. Max Weber.

2.4. Aplicação de alguns conceitos dos autores clássicos à análise dos fenómenos da sociedade contemporânea.

3. Os principais quadros teóricos da Sociologia contemporânea.

3.1. Estruturo-funcionalismo.

3.2. Interaccionismo simbólico.

3.3. Etnometodologia.

3.4. Aplicação de alguns conceitos destes quadros teóricos à análise dos fenómenos da sociedade contemporânea.

4. Referência panorâmica a alguns eixos estruturadores do espaço teórico da Sociologia.

4.1. "Explicar" versus "compreender".

4.2. Óptica estrutural e relacional versus óptica interaccional e individualista.

4.3. Óptica da integração funcional e do consenso versus óptica da contradição estrutural e conflito entre grupos e classes sociais.

BIBLIOGRAFIA

- ARON, Raymond - As Etapas do Pensamento Sociológico, Lisboa, Publicações, D. Quixote, 1991
- BOTTOMORE, T.; NISBET, R. (Org.) - História da Análise Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978
- COSTA, A. Firmino - O Que é a Sociologia, Lisboa, Difusão Cultural, 1992
- CUFF, E. C.; PAYNE, G. C.- Perspectives in Sociology, Londres, George Allen & Unwin, 1984
- CRUZ, M. Braga da - Teorias Sociológicas. Os Fundadores e os Clássicos. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989
- FERNANDES, A. T. - O Social em Construção, Porto, Figueirinhas, 1983
- GIDDENS, A. - Central Problems in Social Theory. Action, Structure and Contradiction in Social Analysis, Londres, The MacMilan Press, 1983
- "- Capitalismo e Moderna Teoria Social, Lisboa, Presença, 1976
- HERPIN, N. - A Sociologia Americana. Escolas, Problemáticas e Práticas, Porto, Ed. Afrontamento, 1982
- NUNES, A. Sedas - Sobre o Problema do Conhecimento nas Ciências Sociais, Lisboa, G.I.S., Caderno nº9, 1976
- ORTIZ, Renato Org.) - Pierre Bourdieu, S. Paulo, Editora Ática, 1983
- PINTO, J. Madureira - Proposta para o Ensino das Ciências Sociais, Porto, Edições Afrontamento, 1994
- PODGORECKI, A.; LOS, Maria - Sociologia multidimensional, Porto, Rés, 1984
- REX, John - Problemas Fundamentais da Teoria Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1973
- WORSELEY, Peter - Introdução à Sociologia, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1974

MATEMÁTICA PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS

Docente: Dr^a Teresa Pérez

1. Funções matemáticas.
 - 1.1. Relações/funções.
 - 1.2. Domínio e contradomínio de funções
 - 1.3. Função inversa.
 - 1.4. Função composta.
 - 1.5. Funções multivariáveis.
 - 1.6. Função implícita.
2. Representação gráfica de algumas funções.
 - 2.1. O plano cartesiano.
 - 2.2. Exemplos de representações gráficas.
 - 2.2.1. Funções lineares: árecta.
 - 2.2.2. Funções quadráticas: a parábola.
3. Equações lineares.
 - 3.1. Características das equações lineares.
 - 3.2. Equações lineares envolvendo mais de duas variáveis.
 - 3.3. Aplicação das funções lineares.
 - 3.3.1. A função custo.
 - 3.3.2. A função rendimento.
 - 3.3.3. A função lucro.
 - 3.3.4. Outros.
4. Matrizes e determinantes.
 - 4.1. Definições; matriz transposta e suas propriedades.
 - 4.2. Operações com matrizes e suas propriedades.
 - 4.3. Cálculo do determinante de uma matriz.
 - 4.4. Cálculo da inversa de uma matriz.
 - 4.5. Aplicações aos sistemas de equações lineares.
 - 4.6. Aplicações à Sociologia.

5.
 - 5.1. Lógica simbólica.
 - 5.1.1. Introdução termos e proposições.
 - 5.1.2. Operações lógicas sobre proposições e suas propriedades (tabelas de verdade).
 - 5.1.3. Variáveis. Expressões com variáveis quantificadores.
 - 5.2. Conjunto.
 - 5.2.1. Noção de conjunto e sua determinação. Tipos de conjuntos.
 - 5.2.2. Igualdade de conjuntos.
 - 5.2.3. Subconjunto. Conjunto fundamental (noção de variável)
 - 5.2.4. Diagramas. Conjunto das partes de um conjunto.
 - 5.2.5. Operações sobre conjuntos e suas propriedades.
 - 5.2.6. Partição de um conjunto.
 - 5.2.7. Produto de conjuntos.
 - 5.3. Relações Binárias.
 - 5.3.1. Introdução: principais definições
 - 5.3.2. Representação gráfica de uma relação binária.
 - 5.3.3. Reflexividade, simetria e transitividade.
 - 5.3.4. Relações de equivalência. Classes de equivalência.
 - 5.3.5. Exemplos práticos de aplicação às relações sociais.
6. Introdução à teoria dos grafos.
 - 6.1. Definição de grafo e representação gráfica.
 - 6.2. Componentes de um grafo.
 - 6.3. Comprimentos e desvios de um grafo.
 - 6.4. Diferentes tipos de grafos.
 - 6.5. Conexidade de um grafo (tipos de conexidade).
 - 6.6. Componente máxima conexa.
 - 6.7. Pontos e conjuntos de articulação.
 - 6.8. Aplicação da teoria de grafos à Sociologia.
7. Estatística descritiva.
 - 7.1. Introdução.
 - 7.1.1. Estatística descritiva e inferencial.
 - 7.1.2. As etapas do método estatístico.
 - 7.2. Apresentação dos dados.
 - 7.2.1. Quadros.
 - 7.2.2. Gráficos.
 - 7.3. distribuição de frequências.

- 7.3.1. Conceitos fundamentais.
- 7.3.2. Distribuição de frequências de variáveis discretas.
- 7.3.3. Distribuição de frequências de variáveis contínuas.
- 7.3.4. Representação gráfica.
- 7.4. Medidas descritivas.
 - 7.4.1. De localização.
 - 7.4.2. De dispersão e de concentração.
 - 7.4.3. De onimetria.

BIBLIOGRAFIA

BUDNICK, Frank S. - Applied Mathematics for Business Economics and Social Sciences. 3ª Edition, McGraw Hill.

REIS, Elizabeth - Estatística Descritiva, Edições Silabo, Lisboa, 1991.

HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL CONTEMPORÂNEA

Docente: Dr^a M^a Antonieta Cruz

1. A ERA DAS REVOLUÇÕES

1.1. O mundo na década de 1780.

1.2. A Revolução Americana.

1.3. A Revolução Francesa.

2. REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS

3. MOVIMENTO OPERÁRIO E SOCIALISMO

4. MOVIMENTO DAS NACIONALIDADES

5. EXPANSÃO MUNDIAL DOS EUROPEUS

5.1. Colonização.

5.2. Penetração Económica.

5.3. Emigração.

BIBLIOGRAFIA

ABEL, W. - Crises Agraires en Europe. XIII-XX siècles, Paris, Flammarion, 1973

ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges - História da Vida Privada, Porto, Afrontamento, 1991

ARMENGAUD e outros - Histoire Générale de la Population Mondiale, Paris, 1968

BAIROCH, P. - Révolution industrielle et sous-développement, Paris, Mouton, 1974

BEDARIDA - La Société Anglaise du Milieu du XIXe Siècle à nous jours, Paris, Seuil, 1990

BOUVIER, J. - "Les Crises économiques", Faire l'Histoire, Paris, Gallimard, 1974

"- Histoire économique et histoire sociale, Paris, 1968

"- Initiation au vocabulaire et aux mécanismes économiques contemporains, Paris, S.E.D.E.S., 1977

BRAUDEL, F. - Las Civilizaciones actuales, Madrid, Tecnos, 1970

"- História e Ciências Sociais, Lisboa, Presença, 1981

CHALINE, Jean-Pierre - Les Bourgeois de Rouen-une élite urbaine au XIXe Siècle, Paris, Presses de Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1982

CHAUSSINAND-NOGARET, Guy (Dir.) - Histoire des Élités en France du XVIe au XXe siècle, Paris, Tallandier, 1991

CIPOLLA, C. (dir. de) - História Económica da Europa, Barcelona, Ariel, 1983

CROUZET, M. (dir. de) - Histoire Générale des Civilisations, P.U.F., Paris, 1967, Tomos 5^o e 6^o

DAUMARD, Adeline - Les Bourgeois de Paris au XIXe siècle, Paris, Flammarion, 1970

"- Hierarquia e Riqueza na Sociedade Burguesa, S. Paulo, Perspectiva, 1987

"- Les Bourgeois et la bourgeoisie en France, Paris, Aubier, 1987

"- Maisons de Paris et propriétaires Parisiens au XIXe siècle (1809-1880), Paris, Cujas, 1965

"(dir. de) - Les fortunes françaises au XIXe siècle, Paris, Mouton, 1973

DROZ, Jacques (direcção de) - História Geral do Socialismo, Lisboa, Horizonte

DUBY, G.; WALLON, A. - Histoire de la France Rurale, Paris, Seuil, 1976

DUMONT, R. - L'Afrique Noir est mal partie, Paris, Seuil, 1962

DUPÂQUIER, Jacques et KESSUER, Denis - La Société Française aux XIXe Siècle, Paris, Fayard, 1992

DUPEUX, G. - La société française (1789-1970), Paris, A. Colin, 1972

DUROSELLE, J. B. - L'Europe de 1815 à nos jours, Paris, P.U.F., 1975

FLAMANT, Maurice - História do Liberalismo, Lisboa, Col. Saber, Europa América, 1990

FOHLEN, C. - Qu'est-ce que la Révolution industrielle?, Paris, R. Lafont, 1971

GODECHOT, Jacques - As Revoluções (1770-1799), São Paulo, Pioneira, 1976

GODINHO, V. M. - "Noções operatórias na abordagem global das sociedades", In Memoriam Jorge Dias, Lisboa, 1974 (1^o vol.)

"- A estrutura na Antiga Sociedade Portuguesa, Lisboa, Arcádia, 1971

- 1974
 GUILLEMAN - Nationalistes et Nationaux, 1870-1940, Paris, Gallimard,
 HOBSBAWM, E. J. - A Era das Revoluções, Lisboa, Presença, 1978
 "- A Era do Capital, Lisboa, Presença, 1979
 "- Indústria e Império, Lisboa, Presença, 1978
 "- A Era do Império- 1875/1914, Lisboa, Presença, 1990
 JOLL, J. - A Europa desde 1870, Lisboa, D.Quixote, 1982
 LEFRANC, T. - A Sindicalismo no Mundo, Lisboa, Pub. Europa-
 América, 1974
 LÉON, P. (dir. de) - Histoire Économique et Sociale du Monde, Paris A.
 Colin, Vols. 3º e 4º, 198
 "- Économies et Sociétés Préindustrielles, A. Colin, Paris, 1970
 LESOURD, J.A. - Histoire économique XIX-XX siècle, Paris, A. Colin,
 1969
 "- Nouvelle histoire économique, A. Colin, Paris, 1979
 MERLE, M. - L'Afrique Noire Contemporaine, Paris, A. Colin, 1981
 MOORE JUNIOR, B. - As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia,
 Lisboa, Cosmos, 1975
 MORAZÉ, C. - Os Burgueses à Conquista do Mundo, Lisboa, Cosmos,
 1965
 NERÉ, J. - O Mundo Contemporâneo, Lisboa, Ática, 1976
 PALMADE, G. - La Epoca de la Burguesia, Madrid, Siglo XXI, 1976
 PERROT, Marguerite - Le mode de vie des familles Bourgeoises, Presses
 de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1982.
 PHILIP, A. - História dos Factos Económicos e Sociais de 1890 aos
 nossos dias, Moraes, Lisboa, 1980
 PONTEIL, F. - Les classes burgeoises et l'avènement de la démocratie,
 Paris, P.U.F., 1968
 PIETTRE, A. - Pensée Économique et Théories Contemporaines, Paris,
 Dalloz, 1973
 RÉMOND, René - Introduction à l'histoire de notre temps, 3 vols., Paris,
 Seuil, 1974
 RIOUX, J. P. - A Revolução Industrial, Lisboa, Pub. Dom Quixote, 1978
 RUDÉ, George - La Europa Revolucionaria, Madrid, Siglo XXI, 1981
 SALAMONE, N. - Causas Sociais da Revolução Industrial, Lisboa,
 Presença, 1980
 SMITH, T. - The patern of Imperialism. The United-States, Great Britain
 and the late industrializing World since 1815
 YOUNG, C. - Ideology and Development in Africa, 1982.

LÍNGUA VIVA I (Instrumento de Trabalho) - Inglês

Docente: Dr. Ian Charles Rowcliffe

INTRODUCTION

Vocabulary of sociology.

NETWORKS

Friendship.

Sociogram.

How we choose friends.

friends at University.

SCHOOL

The core curriculum.

Differential Treatment of Pupiles.

The Middle-Class Teacher and the Every-Class Child.

Ivan Illich's "deschooling".

Summerhill School.

A Powerful Indictment of Relativism.

Up to their knees in the ABC's.

American Education and Common Culture.

CRIME

Introduction.

Sociological Perspectives of Crime.

Crime and politics.

A Dislocated Life.

Football Hooliganism.

Sentencing Patterns.

The Prison Population.

SUICIDE

Reasons for suicide.

Hungary's death wish.

Teens need family not bureaucrats.

SOCIAL CHANGE

From peasant to farmer.

The Social Perspective of Social Classes.

Who are the Middle Class?

C. Wright Mills and Social Change.

Politics of Honour.

Social trends.

BIBLIOGRAPHY

BLOOM, A. - The closing og the American mind. Penguin

GROSSET, P. - Link up. Evans Brothers ltd., 1971

HINTON, M. - Options. Nelson, 1986

TOWNSEND, S. - The growing pains of Adrian Mole. Methuen, 1984

WORSLEY, P. - Introducing Sociology. Penguin, 1970

WRENCH, D. - Psychology. A Social Approach. McGraw-Hill Inc. 1969

New Society, 1986/7/8

Insight, 1987

LÍNGUA VIVA I (Instrumento de Trabalho) - Francês

Docente: Dr^a Isabelle Serra

Objectifs Generaux

A partir de documents sonores, visuels et d'articles de presse en rapport avec la sociologie ou pas, nous chercherons à:

1. Développer l'oralité.
2. Favoriser le passage vers une compétence active de la langue: enrichissement lexical et performances créatives.
3. Approfondir les connaissances grammaticales.

Programme

1. Améliorer et favoriser la participation orale:
 - 1.1. Déchiffrage de documents de différents niveaux de langue.
 - 1.2. Présentation de textes, exposés et débats.
2. Exprimer progressivement des idées à l'écrit.
 - 2.1. Compte-rendus et commentaires de textes.
 - 2.2. Contractions de textes.
3. Perfectionner les compétences grammaticales.
 - 3.1. Vérification des acquis.
 - 3.2. Systématisation des connaissances.
 - 3.3. Étude et emploi des tournures idiomatiques.

Bibliographie

. Dictionnaire

ROBERT, P. - Le Petit Robert. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris, Le Robert ed., dernière édition.

NOTE:

a) D'autres indications sur la bibliographie seront fournies lors du premier cours.

b) L'épreuve orale de fin d'année (obligatoire pour tous les étudiants) portera sur les textes étudiés dans le courant de l'année et non plus sur des oeuvres complètes de langue française.

ÍNDICE

Introdução às Ciências Sociais	1
Introdução à Economia	4
Teorias Sociológicas	6
Matemática para as Ciências Sociais	8
História Económica e Social Contemporânea	11
Língua Viva I - Inglês	14
Língua Viva I - Francês	16